

INTERNACIONAL



A seção Internacional analisa a confirmação do segundo turno da eleição presidencial chilena, ao contrário do que apontavam as pesquisas eleitorais, que previam a vitória da direita já no primeiro turno. Traz ainda um breve relato da Jornada Continental pela Democracia e contra o Neoliberalismo e da renúncia do presidente do Zimbábue, após 37 anos no poder.

Segundo turno nas eleições presidenciais do Chile

Ao contrário da previsão dos institutos de pesquisa de que o principal candidato presidencial da direita pela União Democrática Independente (UDI), Sebastián Piñera, ex-presidente do Chile de 2010 a 2014, obteria em torno de 45% dos votos, ele alcançou apenas 36,6%, portanto, muito distante da possibilidade de vencer no primeiro turno, o que era também um dos palpites divulgados.

Outro equívoco dos institutos foi em relação à candidata Beatriz Sánchez pelo partido recém organizado, Frente Amplio, que nunca ultrapassou 8% nas pesquisas, mas obteve 20,3% nas urnas, embora o oponente de Piñera no segundo turno seja o candidato da Nova Maioria, Alejandro Guillier ao obter 22,7% dos votos.

Além destes dados eleitorais, os demais candidatos José Antonio Kast (independente que rompeu com a UDI), Carolina Goic (Democracia Cristã) e Marco Enriquez-Ominami (Partido Progressista) obtiveram respectivamente 7,9%, 5,8% e 5,7%. Outros dois candidatos não alcançaram 1%. Faz quatro

anos que o voto não é obrigatório no Chile e, assim, a participação do eleitorado em 19 de novembro foi de apenas 43%.

O segundo turno será realizado em 17 de dezembro e, de acordo com os resultados acima, a disputa será acirrada, pois Piñera saiu na frente, deverá herdar os votos de Kast e buscará os votos dos democratas cristãos. No entanto, terá dificuldades para calibrar seu discurso, pois Kast está à sua direita, e a Democracia Cristã, à sua esquerda. Além disso, Carolina Goic, a candidata deste partido, que fez parte da Nova Maioria durante o atual governo de Michelle Bachelet, já telefonou para Guillier cumprimentando-o pelo resultado, o que sugeriu que poderá apoiá-lo. Ricardo Lagos, ex-presidente pelo Partido Socialista, que não se envolveu na campanha no primeiro turno, também chamou pela unidade em torno da candidatura de Guillier no segundo turno.

Desta forma, o que era apresentado como um “desastre anunciado”, revelou-se uma nova disputa entre direita e esquerda no Chile, com boas

chances para o candidato da Nova Maioria. Porém, o fator decisivo será o comparecimento do eleitorado, pois os eleitores de Beatriz Sánchez eram críticos ao atual governo e ela fez sua campanha questionando as reformas que foram prometidas e não realizadas. Seus eleitores não deverão transferir seus votos para a direita, mas sua posição no segundo turno poderá ser a abstenção.

No primeiro turno também houve eleição para recompor metade do Senado e toda a Câmara dos Deputados. A nova distribuição dos 43 integrantes do Senado agora tem dezenove da UDI, quinze da Nova Maioria, seis da Democracia Cristã, um do Partido Progressista, um do Frente Amplio e um independente. Na Câmara de 155 membros, a distribuição resultou em 73 para a UDI, 43 para a Nova Maioria, vinte para o Frente Amplio, treze para a Democracia Cristã, cinco Independentes e um para o Partido Progressista.

Ou seja, há literalmente um empate entre a direita e os partidos progressistas na Câmara e ligeira maioria a favor destes no Senado, o que exigirá muita capacidade de negociação se Guillier vencer.

Jornada Continental pela Democracia

Este importante evento realizou-se na cidade de Montevidéu, Uruguai, entre os dias 16 e 18 de novembro. É uma iniciativa capitaneada por organizações como a Confederação Sindical dos Trabalhadores e Trabalhadoras das Américas (CSA) e várias de suas centrais sindicais filiadas, bem como por organizações sociais como a Marcha Mundial das Mulheres, Alba Movimentos, entre outras.

A primeira vez que este grupo se reuniu foi em 2015, na cidade de La Havana, Cuba, para celebrar os dez anos da derrota da Alca e lançar uma nova articulação de organizações sociais nas Américas comprometidas com a consigna do título.

A Jornada iniciou-se com uma marcha que partiu do centro de Montevidéu em direção ao local que centralizaria as atividades do evento e contou com a participação dos pouco mais de dois mil inscritos e também de trabalhadores uruguaios que paralisaram seu trabalho para se fazer presentes. A abertura dos trabalhos contou com a presença do

ex-presidente Pepe Mujica, e o ex-presidente Lula enviou uma mensagem em vídeo.

Ao longo dos dois dias seguintes, houve discussões em quatro grupos separados pelos temas livre comércio, transnacionais, democracia e soberania e integração, bem como uma assembleia de convergência de propostas ao final. Esta também aprovou uma declaração final cujo conteúdo será divulgado em breve e que deverá nortear as atividades dos integrantes da Jornada ao longo de 2018.

O grupo de trabalho do Foro de São Paulo também se reuniu em Montevidéu nos dias 19 e 20, em apoio à Jornada e para facilitar que seus integrantes pudessem participar dela. Em sua agenda havia principalmente as preocupações em relação ao processo de paz na Colômbia, pois vários itens do Acordo de La Havana firmado entre o governo e as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc) estão sendo solapados por certas instituições colombianas como o Parlamento e o Poder Judiciário. Por exemplo, o Parlamento aprovou recentemente uma lei segundo a qual os magistrados que deverão compor a Corte Especial de Justiça para julgar atos de violência durante o conflito armado não poderiam ter vínculo com instituições de direitos humanos.

Outro tema foi a respeito da fundamental necessidade de fortalecer a unidade da esquerda na América Latina e no Caribe nos enfrentamentos com a direita, cada vez mais acirrados. Tem se tornado muito frequente a ocorrência de disputas eleitorais com os partidos progressistas divididos entre várias candidaturas, como ocorreu agora no Chile, o que poderá se repetir nas eleições presidenciais e parlamentares colombianas no ano que vem, assim como no Brasil.

Presidente do Zimbábue renunciou

O presidente do Zimbábue, Robert Mugabe, renunciou ao cargo em 21 de novembro, depois de 37 anos no poder, e desta forma evitou ser afastado por meio de um processo de impeachment que se iniciava no Parlamento do país por iniciativa de seu próprio partido, o Zanu – PF, com apoio do MDC, o principal partido da oposição.

Ele pretendia concorrer à reeleição em 2018 apesar de sua idade, 93 anos, para em seguida fazer de sua esposa, Grace Mugabe, de 52 anos, também conhecida como “Gucci Mugabe” devido à sua apreciação por produtos de luxo. Para implementar este projeto, demitiu o vice-presidente, Emmerson Mnangagwa, uma semana atrás, aproximadamente, e ele se refugiou na África do Sul.

Entretanto, após esta medida, houve uma intervenção das Forças Armadas e o casal presidencial foi posto em prisão domiciliar. Mugabe recebeu o prazo até o dia 20 para renunciar, o que ele disse

que não faria. Porém, o início da discussão sobre seu impedimento no Parlamento, um dia depois, fez com que mudasse de ideia e comunicasse por meio de uma carta que renunciava à presidência.

O fato foi comemorado pela população, pois, embora o “velho Bob”, como era conhecido, fosse um herói da independência do país e da libertação do regime de apartheid vigente nas décadas de 1960 e 1970, a crise econômica que se instalou no Zimbábue desde 2008 e a corrupção desenfreada que se desenvolveu entre os integrantes do governo o tornaram extremamente impopular.



acesse
o canal **teveFPA** 

ENTREVISTAS - EVENTOS - TRANSMISSÕES AO VIVO